



(Phot. Belleza)

O interessante menino José Augusto Ramalho dos Santos Rodrigues Braga, filho do snr. Dr. Rodrigues Braga, estimado medico militar, aos 16 mezes de idade

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregador accresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

OFFICINAS

—DE—

Escultura e Pintura

—DE—

Teixeira Fanzeres

Garante-se perfeição em todos os serviços

Preços sem competencia

RUA DO SOUTO, 134—BRAGA

Livraria e Papelaria CRUZ & COMP.^A (Editores)

121, Rua Nova de Sousa, 133—BRAGA

Telephone n.º 29

Telegrammas: **CRUZ LIVRARIA**—BRAGA

Casa fundada em 1888

Editora de muitos livros approvados e adoptados em todo o paiz, para o ensino primario, normal, secundario e superior e de muitos volumes religiosos, litterarios, etc. etc.

Remette-se o catalogo a quem o requisitar.

BANCO POPULAR PORTUGUEZ

SEDE NO PORTO

46—Rua do Loureiro—48

Com representação em todo o paiz

EM BRAGA:

Manuel da Conceição Rocha & C.^a

ABRE BREVEMENTE

Paramentaria, Sirgaria e
Artigos militares

—DE—

RIBEIRO DE CASTRO & VILLELA

99, Rua do Souto, 101

MISSAES

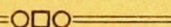
BRAGA

BREVIARIOS



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 19 de Maio de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 203—Anno IV

QUARTO CONGRESSO DAS JUVENTUDES CATHOLICAS PORTUGUEZAS



VIZEU—Grupo geral dos congressistas

O PRODIGIO

Por José Agostinho.

(A' Ex.^{ma} Senhora D. Maria do Carmo Correia de Lacerda Faria)

I

A noite desce. O vento é um choro nos pinhaes,
Mas chora ainda mais
Quem, junto áquelle leito, em magua desfallece;
Quem parece
Fazer, de lagrimas e tristes ais,
A elevação a Deus, a extrema prece.

A noite desce. Ao longe, a torre bateu horas,
Punhaladas sonoras . . .
Mas com mais força bate, e com ancia que cresce,
Que recrudescer
Na supplica de utópicas melhoras,
Aquelle coração que a dôr fenece.

A noite desce. A enferma tem a face branca,
E n'ella a alma franca
Esboça um bom sorriso, um clarão que esmorece . . .
Que appetece
Consolar quem a chora, quem se estanca
Na angustia que devasta e empallidece.

A noite desce. E' o esposo aquelle breve vulto
Que, n'um culto,
Soluça ao pé do leito, ao pé de quem padece . . .
Quem lhe dêsse
A elle só a dôr, a angustia, o insulto,
Da rude enfermidade que recresce!

A noite desce . . .

II

E o medico dissera:
—Se lhe voltar a voz harmoniosa,
Está salva; é quem era
Antes d'essa mudez tão dolorosa . . .
Nada mais. E' ficar sômente á espera.

Ouvira o triste,
De todos escondendo a dôr pungente.
E diz á filha; — Ouviste?
Deixa-nos sós. Repouso simplesmente,
E' só assim que tua mãe resiste

A filha tinha
Um coração de fino e puro oiro
Nas graças de andorinha,
Um talento melhor que um tesouro,
E ainda formosura de rainha.

Não ver a Mãe
Mas sepultou a magua n'um sorriso,
Fê-lo tão bem,
Que ao seu valor sorriu-lhe o paraizo,
O reino de Jesus nado em Belem.

E foi chorar
No oratorio, de mãos a Deus alçadas,
Tão lapidar
Nas fórmas senhoris e immaculadas,
Que lembrava uma estatua a soluçar.

Depois, ficara,
N'uma crise de lagrimas e arrancos
Que a lacerara,
Vendo ao longe uns cabellos muito brancos.
A mãe dormindo com belleza rara.

III

E o pobre esposo eleva ainda a triste prece,
Chora com força o vento ao longe. A noite desce,

Silencio de gelar. A enferma está sem côr,
Mas não revêla angustia, um espasmo de dôr.

Morreria? Meu Deus! E elle vae de mansinho,
Ouvi-la respirar, Ausculta-a com carinho,

Com gelado suor em todo o corpo tremulo,
E fica mais tranquillo: agora mesmo vêmo-lo

Cahir de novo aos pés do leito em oração . . .
Mais uma hora enorme, intensa de paixão,

De duvida e de febre. A casa está tão êrma,
Tão sepulchral, tão tristel Oh! bom Deus, mas a enferma,

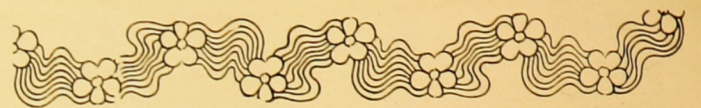
Diz de repente, forte a voz que maravilha:
—Tu chamas-me! Onde estás? Onde estás, minha filha?



VIZEU—1—O snr. dr. Correia Pinto—2 - dr. Francisco Velloso, e outros delegados que tomaram parte no Congresso da Juventude Catholica



Os delegados da Covilhã, Castello Branco, Santarem, dr. Manuel Casimiro, padre Amaral e o snr. Mario Monteiro representante da "Ordem.", que assistiram ao Congresso da Juventude Catholica

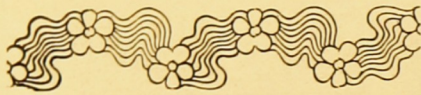
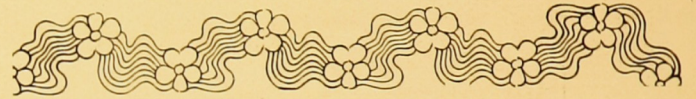


A venda da flôr na Regua

1—Vendendo uma flor a um coxo.

2—As senhoras da melhor sociedade, percorrendo as ruas da villa, vendendo flôres.

[Phot. Miguel Monteiro].

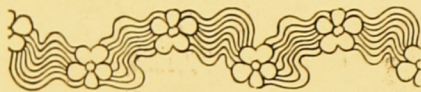
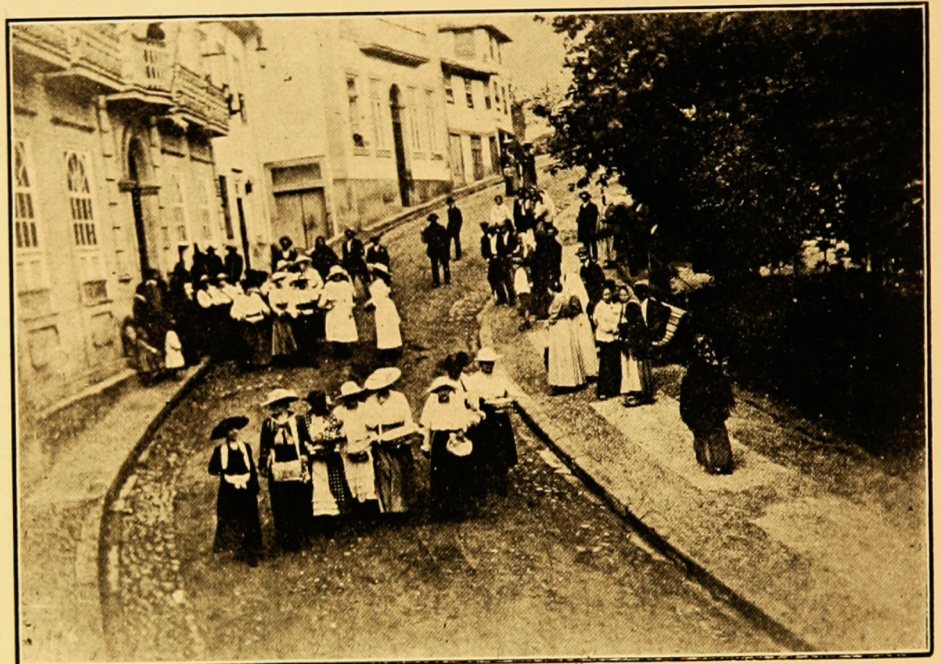


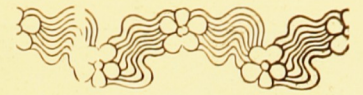
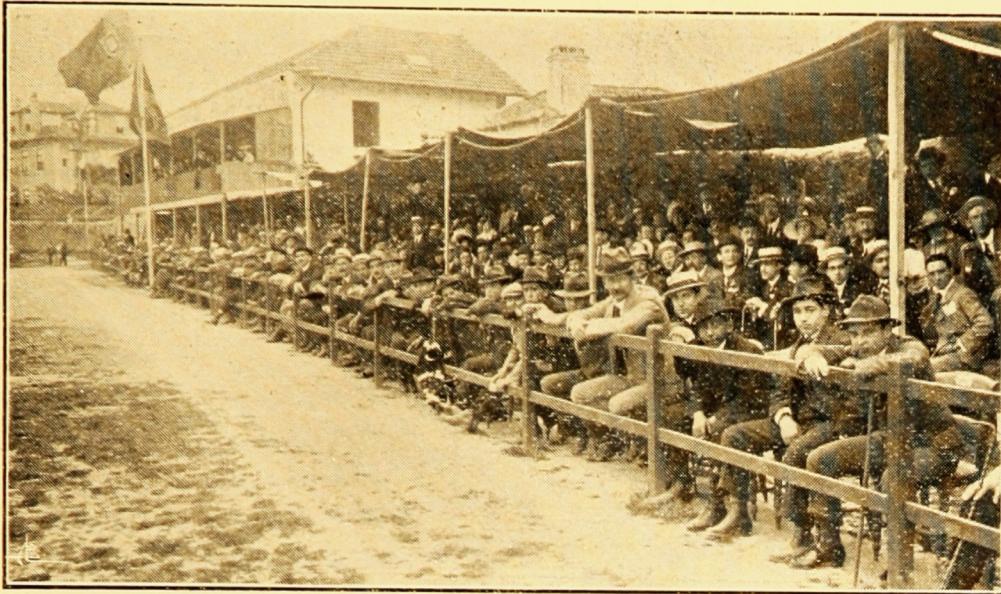
Para os feridos Portu- guezes na guerra

Match de foot-ball organizado por um grupo de distinctas senhoras portuenses, em que tomou parte um grupo de veteranos.

3—Team do Foot Ball Club do Porto.

4—Team de veteranos.



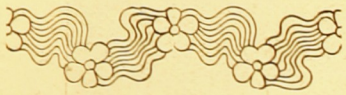
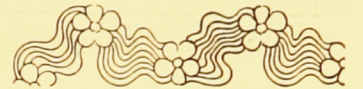


1—Um aspecto geral da assistência.

2—Um aspecto parcial da assistência.

3—Miss Alma Lithfield collocando uma flor.

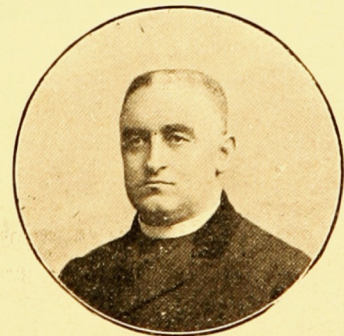
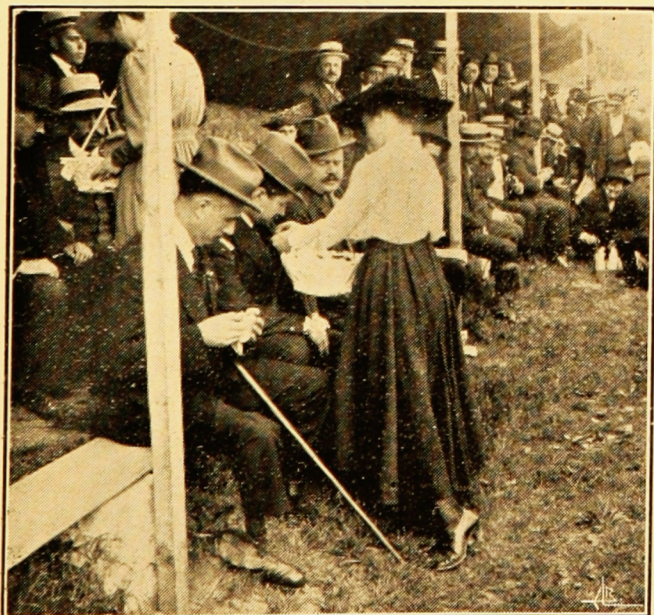
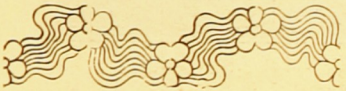
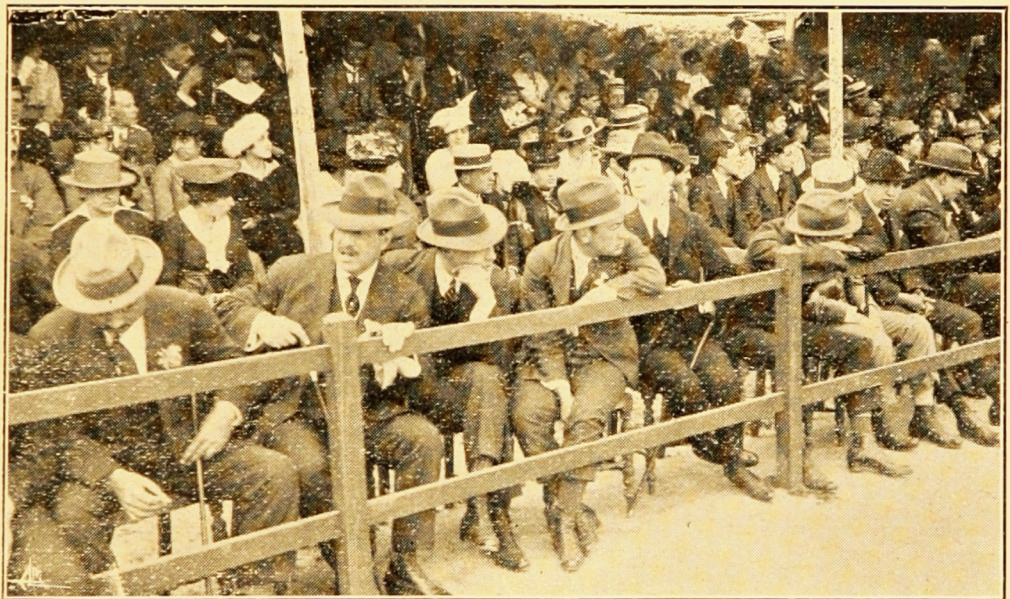
4—P.^o Antonio Manuel da Silva Antunes, vigário de

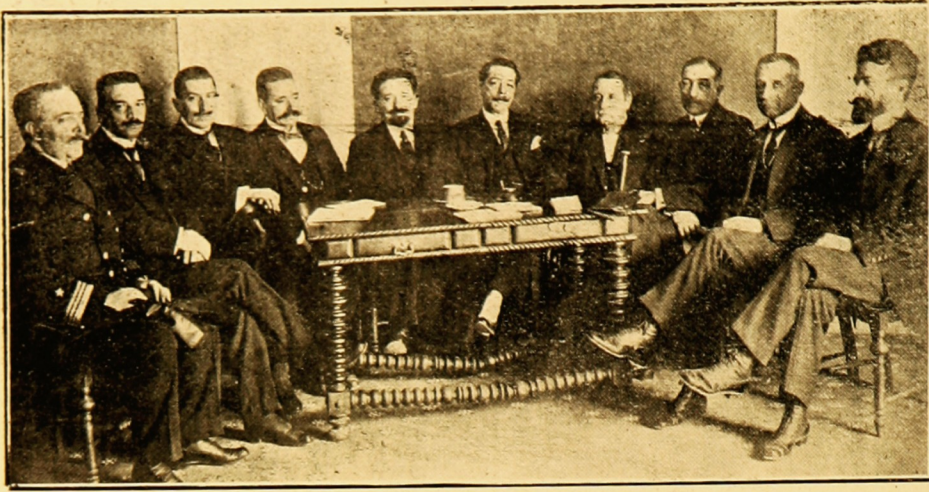


Conchas, Brazil, natural da freguezia de Rossas.

BRAGA — Trabalhadores para França

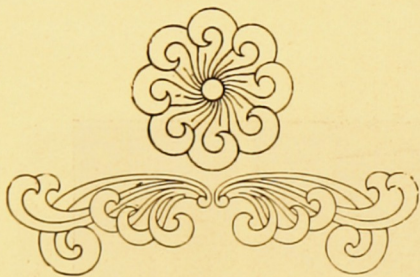
5—Um grupo de trabalhadores depois da inspecção, em frente ao edificio da agencia Moreira.





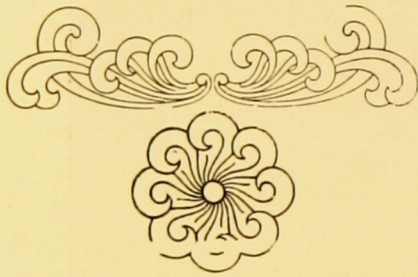
NOVO MINISTERIO

Da esquerda para a direita - O sr. Arantes Pedroso, ministro da marinha; Lima Bastos, ministro do Trabalho; Ernesto Vilhena, ministro das colonias; Almeida Ribeiro, ministro do interior; Dr. Affonso Costa, presidente de ministros e ministro das finanças; Dr. Alexandre Braga, ministro da justiça; Norton de Matos, ministro da guerra; Augusto Soares, ministro dos estrangeiros; Herculano Galhardo, ministro do fomento; Barbosa de Magalhães, ministro da ins-
trução.

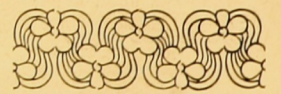
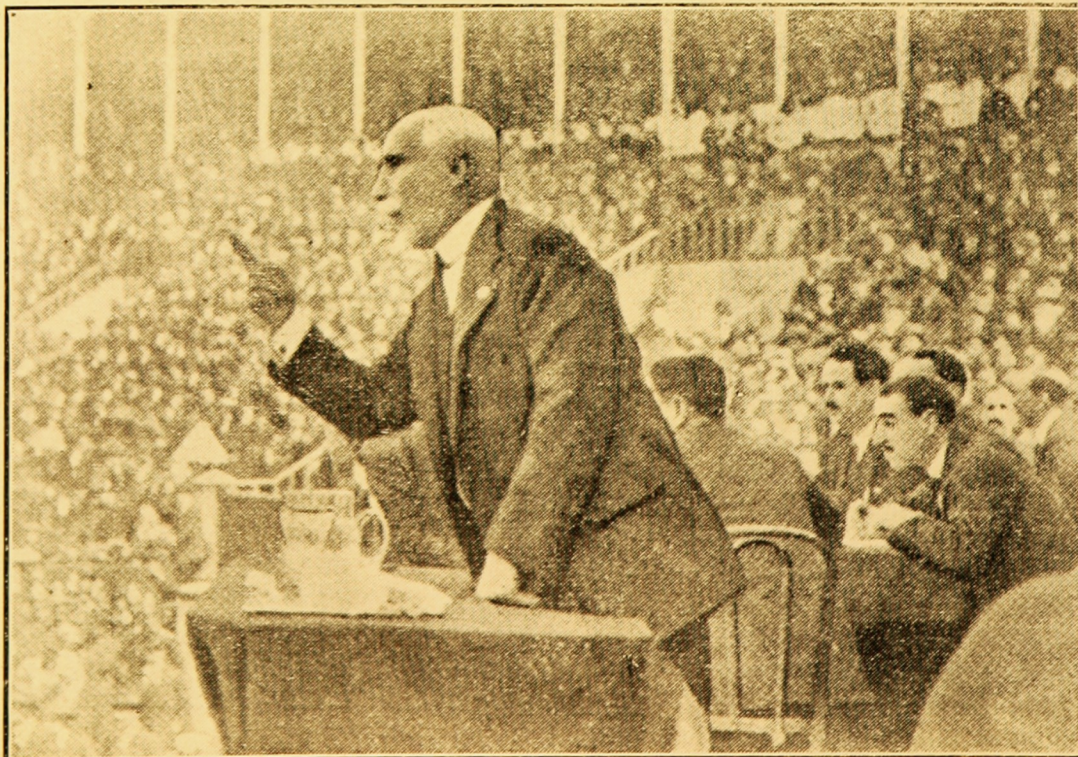


BRAGA—Escadario de Guadalupe

(Phot. Felix Cruz).

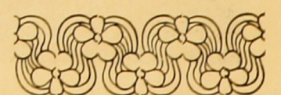


Do nascente ao poente

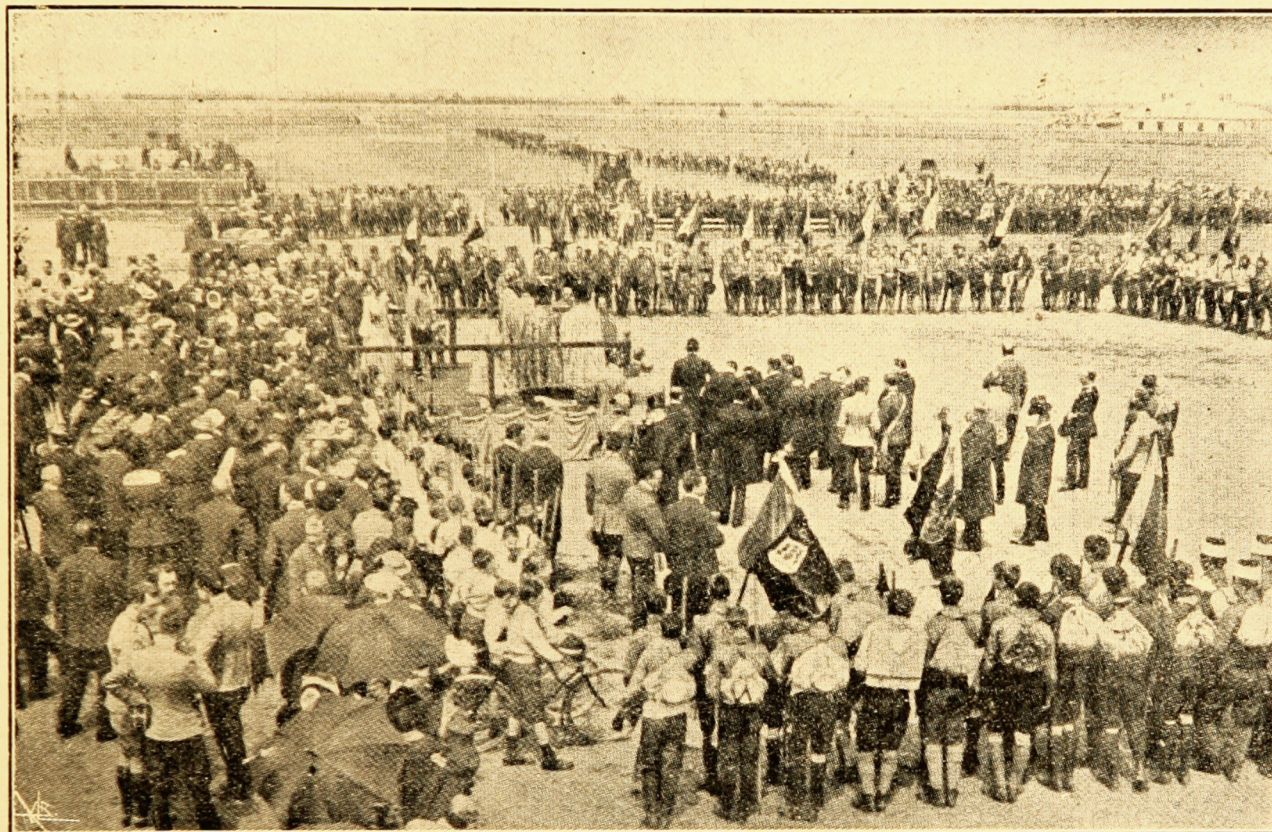


Na Hespanha

O illustre homem politico, Antonio Maura durante o seu discurso, sobre a neutralidade hespanhola.

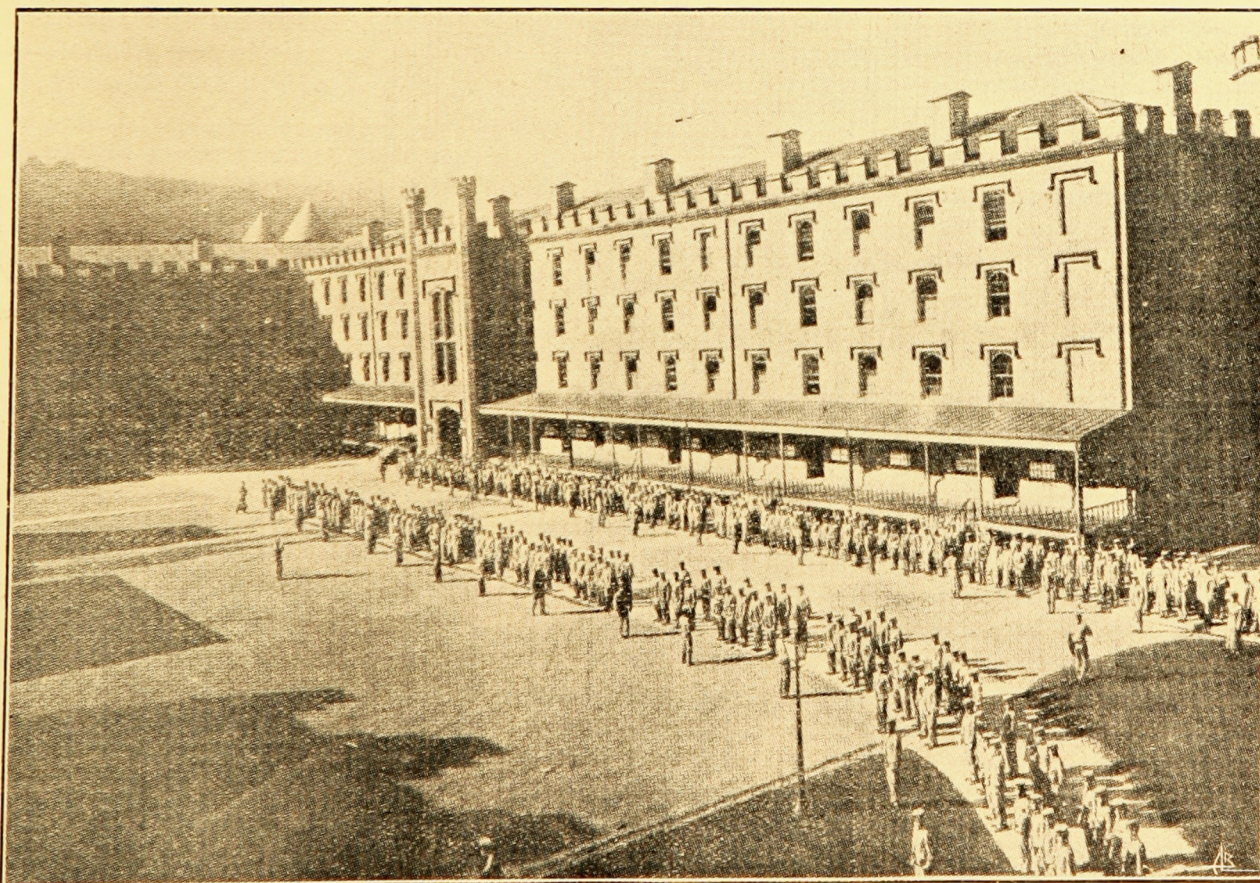


Página da Guerra Europeia



Na Romania

Revista de boy-scouts realizada ha semanas com a assistencia da familia real



Nos Estados-Unidos

Revista dos cadetes, effectuada no patio da Academia militar de West-Point



O Lirio

O branco lirio
Do horto no meio
Era meu gozo
Meu doce enleio,

Abriu fragrante
No alvor do dia,
Mas á tardinha
Já não vivia.

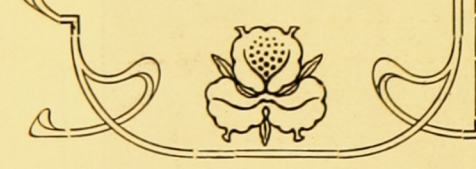
Crestado e murcho
Assim, tão cêdo!
Só dava pena
O seu folhêdo!

E o branco lirio,
Passado um dia,
No meu canteiro
Já não vivia.

Mais outros lirios
Abriram bellos,
Tinha em miral-os
Doces anhelos.

Mas ceus! que magoa!
Passado um dia,
O grupo lindo
Tambem morria.

Meus pobres olhos
Chorosos tinha,
E o pranto em bagas
Dos olhos vinha.



E assim passaram
Flores de um dia,
Mingoando sempre
Minha alegria.

Então a mente...
Quem me recreia?
Penso... reflecto...
Que linda ideia!

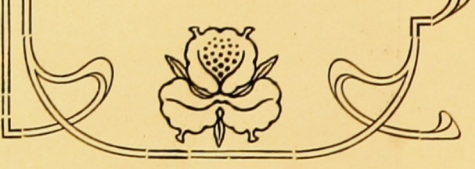
— «Já d'ora avante
Sigo outra via
Não mais eu amo
Flores de um dia.»

N'isto... que vejo?!...
Uma Donzella
Fallou me brando...
Era tão bella!...

— «Olha, meu filho» —
Assim dizia,
«Do Val sou lirio
E não de um dia.» —

— «Sê, d'ora avante
Minha alegria...
Flôr que não morre:
— Virgem Maria.» —

Agnus.



Porque amo a rosa

Eu amo a rosa
Entre as mais flôres
Não porque é bella
De varias côres;

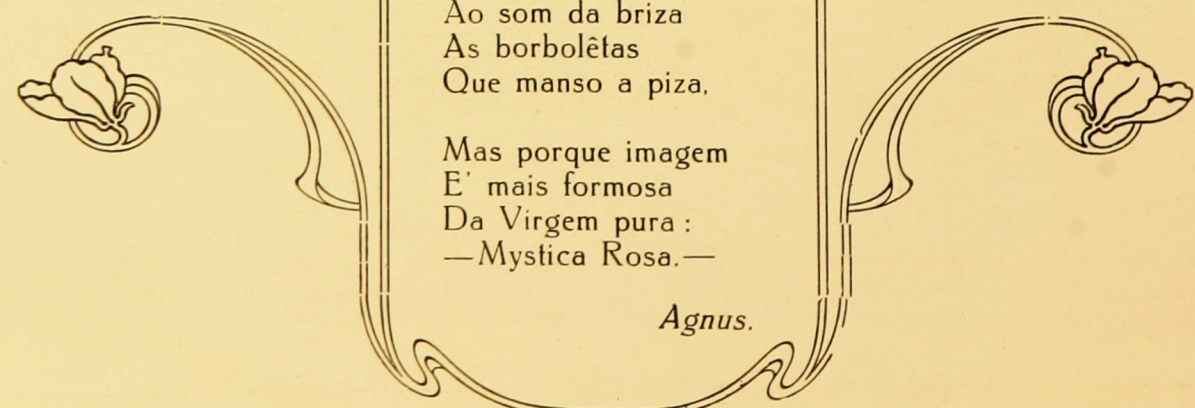
Nem porque aromas
A flux derrama
E os ares puros
Mais embalsama;

Nem porque off'rece
A' abelha d'ouro
O doce nectar
Do seu thesouro;

Nem porque embala
Ao som da briza
As borbolêtas
Que manso a piza,

Mas porque imagem
E' mais formosa
Da Virgem pura:
— Mystica Rosa. —

Agnus.



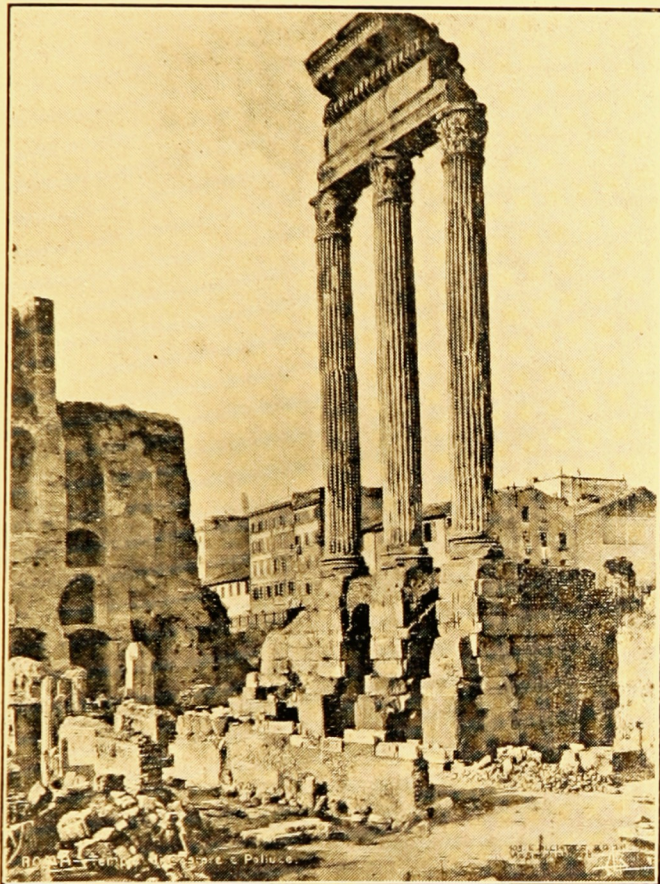
PALESTRAS DE ARTE CHRISZÃ

XVIII. — Architectura —(technica)



COMO diziamos na palestra IV o edificio exprime uma ideia. Para isto o artista tem de lançar mÃo de meios convenientes. Ora as simples pedras sÃo por si nÃo bastam, a pedra informe nada diz, um amonto de pedras desordenadas, ou mesmo collocadas com certa ordem, nÃo tem expressÃo ideal. Os elementos da architectura sÃo pois alguma coisa mais.

Para entender a architectura christã é imprescindivel o estudo dos elementos da arte greco-romana, os estylos architectonicos admiraveis que os dois povos levaram à perfeiçã. Estas ordens de architectura, verdadeiros elementos expressivos da ideia, prevaescem sempre, ao menos como motivos decorativos, em todas as phases da arte christã, exceptuando talvez o periodo de esplendor da edade media. Assim por exemplo as columnas da Igreja de S. Sabino (Roma) erigida no V seculo pelo pontifice Celestino I, são todas do estylo classico romano, evidentemente material antigo, adaptado ao edificio christã. A basilica constantiniana de S. Lourenço *extra muros* apresenta na parte mais antiga, igualmente, materiaes classicos, mas todos diversos, capiteis corinthios com fustes doricos e jonicos, variando de estylo as architecturas quasi em cada intercolumnio.



Kuinas do templo de Castor e Pollux no Foro Romano

na presente, explicarei, brevemente os principaes. O leitor que deseje uma informaçã mais completa encontrã-la-ha no opusculo sobre o tratado de Vignola, publicado pelo professor J. C Sequeira. (Lisboa, 1886).

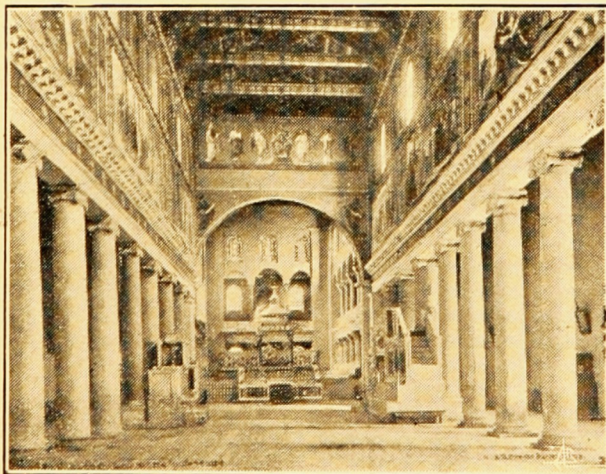
Chama-se *Ordem* architectural ao complexo dos elementos necessarios para dar a um edificio a unidade, proporçã e conveniencia devida ao fim a que se destina. Estes elementos são o *pedestal*, as *columnas*, e o *entablamento*, e cada uma d'estas partes consta de vãrios *membros* e *molduras*. Pedestal é a base em que se apoia o edificio, tambem as columnas tem seus pedestaes ou *styloblato*s; a columna é composta de mais duas partes: o *fuste* e o capitel que é a corã, e extremidade ou apice do mesmo, geralmente ornado e mais largo que o diametro do *fuste* ou cylindro. Entablamento é o conjuncto das partes que representam o madeiramento; constituem-no a *architrave* (parte que assenta sobre os capiteis), o *friso* e a *cornija* (por ordem ascendente).

O proprio *pedestal* tambem algumas vezes se subdivide em base, corpo ou dado e cornija.

Membros são as partes de cada um dos elementos primarios, assim os cimacios, lagrimaes, etc. são membros da cornija, as faxas e listellas da architrave etc. *Molduras* são aquelles membros da architectura rectos, curvos, mixtos e sinuosos de que se compõe cada uma das ordens. A' medida que formos tratando d'estas se irão explicando melhor os termos technicos, agora apenas acenados. Notarei aqui que a maior parte d'estes termos nos vieram da lingua italiana, devido principalmente à voga mundial que teve o tratado de Vignola e a propaganda de Viturvio feita pelos humanistas do Renascimento.

Torna se necessaria portanto uma breve resenha das ordens classicas, o estudo dos elementos que as formam e as suas caracteristicas essenciaes.

Cinco ordens, diz Vignola, formam o complexo architectural greco-romano: a toscana, dorica, jonica, corinthia e composita. Hoje em dia os entendidos na arte, reduzem-nas a duas principaes: a dorica e a jonica; as outras são meras modificações d'estas. A toscana é uma simplificaçã da dorica; da jonica deriva a corinthia por um augmento de ornatos dos capiteis e molduras, e a composita, como diz o nome, é uma fusão d'ambas ellas. Apesar de muitos leitores conhecerem a significaçã dos termos technicos que levo ditos, em beneficio de algum que os não te-



Interior da Basilica de S. Lourenço, extra muros

AGNUS.

CHRONICA DA SEMANA

Um caso...

UMA série de factos me vêm singularmente frisando nas ultimas semanas os estragos produzidos nas camadas burguezas e obreiras pelo deperecimento da convicção religiosa, e hontem mais uma vez os senti n'um simples silencio frio que no theatro acolheu uma peça franceza, em que atravez de alguns desvios, se põe ante os olhos dos espectadores um problema moral vivi.simo, que sobre o palco e nas paginas da Pastoral Collectiva foi resolvido afinal do mesmo modo, á luz da doutrina christã...

Intitula-se a peça *Rasto de mulher*, e o titulo diz tudo: o perfume que faz dilatar as narinas em fremitos nervosos e vae formando apoz a sahida d'ella, todo um ambiente de tentação enleadora e perversa, esgotante e enlouquecente, toda a embriaguez pérfida do rasto!

Os esposos Darcier vivem a grande vida de Paris. Elle exercendo a profissão medica em que alcança triumphos retumbantes; ella mantendo-se no lar a esposa amiga e dedicada, honesta e excepcional. Darcier é, porém, o medico *du jour*, um d'esses medicos de renome que para toda uma roda eivada do halito, do prazer mundano, e desprezando os embaraçosos dictames da religião, substituiu o confessor, tornando-se o confidente das frivolidades e das neurasthenias...

Assim é Darcier, por cujo escriptorio passa M.^{me} Sormain, uma *habituée* do adulterio que arrasta nas dobras colleantes do seu vestido de cauda o pobre medico quarantão que desprecavido lhe poisou os olhos e os labios nos hombros nús e francos.

E a tonteria faz-se logo notar no resfriamento progressivo do amor conjugal que Martha, a esposa, com esse admiravel e terrivel presentimento mysterioso das mulheres, observa alarmada, e contra o qual esbraceja todo o seu carinho e todo o seu ciume e toda a sua compaixão: no abandono dos trabalhos scientificos que a Academia aguarda anciosa; no descuido para com a clientella; no cynismo com que elle apresenta a amante á esposa e diante d'esta lhe dedica atenções denunciadoras...

Darcier era já o amante numero não sei quantos de M.^{me} Sormain. Dos precedentes, uns lançára-os ao desespero, a sua insaciedade de femea, outros arredára-lh'os á ponta do florête o marido. Entre os primeiros figura o antecessor de Darcier, Héricy, um official do exercito, que enganado, cae n'uma profunda crise de exaltação encolerizada e que, desconhecendo o seu novo substituto, e vendo-se doente; vem pedir a Darcier a cura do seu mal.

Durante a consulta, revêla o nome da amante e aos olhos do medico se patenteia então todo o mal do amor sacrilego, toda a destruição moral a que um breve instante de peccado reduziu um vapor forte, com uma personalidade creada e adestrada a dentro das fileiras, aos sões de Madagascar e de Marrocos, ao lado de Liantey e Galliéni! A revelação é salvadora: — elle que ha pouco, antes da consulta de Héricy, ao receber convite para uma noite com M.^{me} Sormain, gritava ao ajudante de clinica que era criminoso encerrar-se n'um gabinete, que a grande lei era cada um *viver a sua vida*; agora, tombado do seu alto delirio, é elle mesmo que o chama, lhe pergunta quando se vae casar e o aconselha:— *Ninguém nos obriga a casar. Mas quando o fazemos é preciso que amemos a esposa. E' preciso amar dentro do lar... é preciso não amar fóra do lar: quando isto acontece, a lareira apaga-se, a vida é glacial e morre-se de frio...*

N'essa noite elle segue os passos de M.^{me} Sormain, e certifica-se da sua vida dissoluta.

Regressa a casa, onde a esposa afflictissima toda a noite vigia á espera d'elle. Héricy reaparece-lhe: sabe—o seu rival, vem desafial-o; mas Darcier doma-o, contando-lhe a abjecção em que cahiu. Elle vae para muito longe, esquecer tudo, procurar recuperar a energia perdida... Então, Martha, a esposa, intervem. O dever d'elle, Darcier, é ficar: ordenam-lh'o os seus doentes, o seu prestigio, a sua casa. Ella ficará junto d'elle, esperando tambem, com um amôr maternal pelo doente, que o tempo e a consciencia do dever cumprido, façam renascer atravez d'elle o bello amôr d'esposo e o lar que se ia apagando...

A Darcier, ouvindo estas palavras cahidas de tão alto, razam-se-lhe de lagrimas os olhos, e como a creança que peccou, encosta a fronte ao seio da esposa e chama-a soluçante:

—Mamã, minha Mamã!...

Pois, senhores, ieis de vêr!

Aquelle publico que enche o theatro mal divisa nos cartazes uma revista com piada fresca e calão degradado; aquelle publico que goza extraordinariamente ao espectar os enrêdos das escandalosissimas peças de Bernstein; aquelle publico a que pertence um avultado numero de senhoras e de meninas, ficou inerte perante todo o drama que se acabava de desenrolar, e a que Augusto Rosa dêra uma representação de Darcier soberba.

... São os efeitos das infiltrações pagãs.

Ia a apostar em como havia por alli alguns Darcier; muitas Madames Sormain e poucas Marthas...

F. V.

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Hespanha e Portugal

Tem oportunidade agora, que tanto se falla d'harmonia iberica, esta curta digressão pelo passado. As nossas relações com Hespanha, que o governo de Lisboa se propõe intensificar, Deus sabe em que condições, nem sempre foram muito estreitas. Nos primeiros annos da nossa nacionalidade ambos os paizes se envolveram em constantes luctas. O rasgo heroico d'Affonso Henriques abrija entre as duas nações um largo abysmo. Momentaneamente vivemos ligados por alguns interesses de defeza e contra os mouros combatemos juntos, na batalha do Salado, mas estas ligações de character transitorio, não poderiam esmagar as velhas hostilidades d'origem. E tomavam tal vulto já, estas constantes quesilias protocollares e guerreiras no reinado de D. Fernando, que o Papa teve d'intervir por uma paz tão duradoira e tão efemera, que annos depois feria-se a acção militar d'Aljubarrota.

D. João II, D. Manuel, tiveram com o throno visinho festilhas graves por causa da nossa gloria maritima, que fazia morder d'inveja os leões heraldicos de Castella que, enfeudados n'um singular direito, pugnavam com manha, pela liberdade dos mares. O dominio humilhante dos Filippes e a revolução libertadora de Lisboa, agravaram a situação. Decidida a nossa sorte militar, nas chamadas guerras da independencia e vencida para sempre a aura esplendente do sombrio solitario do Escorial, a Hespanha não pode calar o seu orgulho e não quiz dobrar a cabeça reconhecendo o que o favor das armas e a valentia dos nossos heroicamente legitimara. Só mais tarde durante a regencia de D. Pedro II e por intervenção da Inglaterra, a nossa independencia foi reconhecida. Fizemos depois com a Hespanha, quando da guerra da successão, o pacto de alliança para defeza dos direitos do Duque d'Anjou ao throno castelhano, que logo depois romperiamos por instigações da côrte inglesa, para seguirmos a sorte d'Austria.

Em 1681 negociava Portugal com Carlos II d'Hespanha um tratado provisorio solucionando as questões suscitadas pela posse da ilha do Sacramento, que teve a sua confirmação no congresso d'Utrecht, sendo-nos restituída a apeteçida colonia, que tempos depois perderiamos mais uma vez. Em 1696 faz-se um contracto de *asiento* entre a corôa hespanhola e a companhia Real da Guiné, estabelecida em Portugal, para introducção d'escravos na India e annos depois—1750—realisava-se um tratado de limites. Tempos andados de paz aparente e d'amisade fingida, a Hespanha, ligando-se á França pelo chamado pacto de familia, pretende que Portugal compartilhe d'esta alliança e as ajude a combater a Inglaterra, mas o Marquez de Pombal, que se esforça por conseguir a nossa neutralidade, repudia as propostas de Madrid, e responde energicamente, ao ultimatum enviado. Os embaixadores de França e d'Hespanha pedem os passaportes e sahem do paiz e as tropas hespanholas invadem Tráz-os-Montes allegando na astucia subtil dos diplomatas que a Hespanha—oh suprema ironia—não faz guerra a Portugal mas sómente o deseja compellir a entrar na alliança proposta. Portugal não concordou evidentemente com as explicações cortezes e declarou ás duas nações a guerra a que poz termo o tratado de *Fontainebleau*, o primeiro passo talvez para a futura infamia protocollar da ilha dos Faysões. Data desta guerra a organisação do exercito portuguez pelo Conde de Lippe. Foi-nos restituída a colonia do Sacramento e as villas de Chaves e Almeida voltaram á nossa mão, mas dez annos depois por causa do Brazil está iminente nova guerra chegando a haver a québra de relações e não se rompendo as hostilidades porque a morte de D. José e a queda de Pombal deu logar a uma mudança radical na politica seguida e entrou-se n'um periodo de contemplações que só vexames e prejuizos nos acarretaram, como esse tratado de limites sellado no reinado de D. Maria, em que depois da nação visinha nos ter occupado Santa Catharina ainda nos impôz as clausulas ruinosas d'esse tratado desastroso. Com a revolução franceza faz-se a colligação das monarchias contra a França republicana e nós, arrastados pela Inglaterra, entramos na triplice-alliança mas a Hespanha muda de rumo, faz a paz em separado com a França e quanto ás vantagens promettidas... nós ficamos como fantissimas vezes—, ou não descendessemos de navegadores—muito parvamente a... ver navios.

Ha ainda o tratado de commercio ha annos denunciado e que agora se pretende substituir e um accordo secreto para repressão dos anarquistas, que certamente a republica não acceitou... Veremos um dia, se a censura deixar, o que será essa promettida harmonia que tão pouco harmoniosa tem sido atravez da vida politica das duas nações: e que talvez produza no paiz bem mais funda impressão do que se suppõe.

— E' que *nuestros harmanos* hontem, como hoje, são sempre *hermanos*... politicos.

A «Illustração Catholica», perante a actual crise do papel



A mezés, que esta empresa, olhando mais attentamente ao fim moral e intellectual da vida catholica em Portugal, lançou a sua revista a publico, no meio de grandes prejuizos que lhe adveem do augmento consideravel, de dia para dia, do papel *couché*, vindo do estrangeiro e do papel nacional e ainda dos productos chimicos necessarios para a factura das photogravuras e zincogravuras.

*

Quando appareceu a «Illustração Catholica» se não faltou quem nos animasse a elevar esta obra á sua maior perfeição, visto ser, d'entre a imprensa catholica, a unica revista d'este genero, por outro lado não faltou—na melhor boa fé—quem nos dissesse ser difficil a sua publicação, visto que o meio catholico portuguez não estava preparado para receber e acolher uma revista d'esta natureza, attenta já a difficuldade latente em que vivia (e vive ainda) a imprensa catholica em Portugal.

Mas, foi um engano por parte dos ultimos e o que é facto é que a «Illustração Catholica», logo no seu começo foi calorosamente acolhida pelas familias catholicas portuguezas, e é com prazer que a vemos divulgada em todas as terras do paiz.

A «Illustração Catholica» é hoje a revista que tem maior tiragem em Portugal, e louvado Deus, os nossos esforços, os nossos sacrificios, teem tido a mais franca acceitação por parte do publico, sem distincção de classes, pois que a nossa revista entra nos salões da alta nobreza do paiz, na casa do letrado, do negociante, do lavrador, do industrial, e do humilde operario.

*

E assim, justamente animados pelo beneficio, que tanto nos tem dispensado o publico, podemos, louvado Deus, elevar a «Illustração Catholica» no conceito e interesse de todos, fazendo circular uma revista, unica no seu genero, no meio catholico.

Mas, á nossa revista, como a todas as publicações do paiz, succedeu agora, com a situação creada pela guerra europeia, uma série enorme de difficuldades, para resolver as quaes, vimos, convictos da dedicação dos nossos obsequiosos assignantes, fazer-lhes um appello. Todas as revistas estrangeiras augmentaram os preços das suas assignaturas e da venda. Em Portugal, a «Illustração Portugueza» veio fazer aos seus numerosos assignantes um appello, augmentando o preço da sua assignatura, e o preço da sua venda.

Antes da guerra, o papel *couché*, vindo da Allemanha, custava-nos cada resma entre 6\$000 a 7\$000 reis. Hoje esse papel, vindo da Inglaterra, cada resma custa-nos 24\$000 reis! O papel nacional, para a nossa revista, antes da guerra, cada resma, custava-nos 7\$000 e 8\$000 reis (mais caro que o *couché* vindo do estrangeiro) e, hoje, custa 15 e 18\$000 réis! Isto o papel nacional, que, infelizmente não é facil adaptar-se á impressão de gravura.

Já nem nos referimos ao augmento do centimetro quadrado no serviço de gravuras. Esse augmentou tambem.

Assim, pois, em face do exposto, esperamos que os nossos queridos assignantes nos auxiliarão concordando que, o preço da sua assignatura, por anno, seja de 3\$000 reis; semestre, 1\$500; e trimestre 750 reis.

O preço de venda avulso passa a ser de 80 reis.

Da dedicação dos nossos assignantes esperamos o acolhimento a este nosso appello, convencidos de que d'este modo cooperam para a publicação da unica revista graphica que interessa á vida catholica em Portugal.

E aproveitamos a occasião de agradecer a todos os nossos amigos que, desde o inicio d'esta publicação, nos teem auxiliado com a sua assignatura, com o seu conselho, e com provas de conforto e animo.

De todos esperamos a continuação do seu esforço que é para nós motivo para nos consolar e animar na sustentação d'esta empresa, que, como todas as publicações em Portugal, vive atravez de difficuldades, n'este momento em que uma crise mundial produz os seus ruins effeitos em toda a parte.

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clerigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguinte documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dols attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clerigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Antonio José de Carvalho, residente na rua de Santa Margarida, 9, 1.º em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 3, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

A. de Menezes

MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrín, corte doirado, 540 réis.

Novas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Francos de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—**TUY.**

BRAGA—Na administração da «Illustração Catholica» rua dos Martyres da Republica.

NO PORTO—Joaquim da Silva e Melo & C.ª—rua do Corpoda Guarda, 19 a 21.

Arte e Religião

Officinas de escriptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informaões

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial e Instrucção Primaria..

TEIXEIRA DE ANDRADE

Professor da Escola Academica

Rua de S. Marcos, 46

Ensina linguas para o Lyceu.

Escola Normal e Commercio.

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis. encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos. e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA